

**O lado negativo da criatividade: compreensões, determinantes e modelo teórico**

**The negative side of creativity: understandings, determinants, and theoretical model**

Tatiana de Cassia Nakano  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Campinas - Brasil

**Resumo**

Tomada tradicionalmente como uma característica positiva e associada a resultados importantes em diferentes contextos, a criatividade tem sido intensamente investigada nas últimas décadas. Mais recentemente, o reconhecimento de que essa característica pode se apresentar sob uma ótica negativa, chamada de criatividade malévola, tem gerado interesse em pesquisadores de diferentes áreas. Os resultados de uma revisão bibliográfica sobre criatividade são apresentados no texto, enfocando sua definição, principais determinantes, modelos teóricos, sua ocorrência no contexto educacional, finalizando com uma reflexão acerca dos principais desafios a serem superados em futuras pesquisas. Trata-se de uma temática ainda não investigada no Brasil.

**Palavras-chave:** Potencial criativo; Criatividade negativa; Criatividade malévola.

**Abstract**

Over the past couple of decades, creativity has been intensively studied as a positive characteristic associated with important results in various contexts. Recently, researchers from various fields have observed that this characteristic can also manifest itself in a negative manner, a phenomenon called malevolent creativity, together with negative giftedness. This text presents the results of a bibliographic review on negative creativity and giftedness with a focus on its definition, main determinants, theoretical models, and occurrence in educational settings, along with a reflection on future research challenges to be overcome in future research. It is a topic that has not yet been studied in Brazil.

**Keywords:** Creative potential; Negative creativity; Malevolent creativity.

## Introdução

Criatividade é definida como a habilidade de gerar novas ideias, úteis dentro de um contexto (Runco; Jaeger, 2012), sendo, comumente, associada a resultados positivos, tais como realização pessoal e profissional, desempenho acadêmico e saúde mental (Oliveira et al., 2016). Mostra-se uma característica valorizada, necessária e desejada em diversas áreas, dados seus efeitos benéficos no desenvolvimento pessoal e na qualidade de vida (Jia; Wang; Lin, 2020).

A maior parte das teorias sobre criatividade compartilha a suposição de que essa característica é uma força positiva benéfica e uma virtude para o indivíduo e para a sociedade, enfatizando a criatividade positiva ou benevolente, a qual inclui formas originais e úteis de atingir objetivos desejáveis e construtivos (Kappor; Kaufman, 2022). No entanto, mais recentemente, essa característica vem sendo investigada sob uma outra ótica, a qual inclui discussões acerca da sua polaridade, de modo a reconhecer a possibilidade sua aplicação para propósitos positivos e negativos (Hao et al., 2020).

É nesse contexto que conceito de criatividade negativa, também chamada de criatividade malévola ou *dark creativity* tem ganhado espaço nas pesquisas e na literatura (Kapoor; Khan, 2016), apesar de ainda se mostrar uma área pouco explorada e negligenciado pelos pesquisadores (Batey et al., 2022). No entanto, pesquisas recentes têm sido fundamentais para aprimorar a compreensão, definição e operacionalização desse tipo de criatividade (Hunter et al., 2021), buscando explicar por que pessoas podem desenvolver e implementar ideias criativas malévolas (Nguyen et al., 2022).

Tal foco tem chamado a atenção de criminologistas, sociologistas, psicólogos, administradores, engenheiros, historiadores e educadores (Mitchell; Reiter-Palmon, 2022). Consequentemente, as nuances da criatividade malevolente e como elas diferem das concepções benevolentes têm sido foco de diversos estudos (Kappor; Kaufman, 2022), os quais incluem, além da definição que se ancora na novidade e utilidade em propósitos pró-sociais, sua utilização para propósitos prejudiciais, antiéticos e malévolos (Xu et al., 2022).

Essa compreensão surgiu a partir da percepção de que a criatividade pode ser composta não somente por uma dimensão positiva, mas, também, por uma negativa. Ou seja, a criatividade malévola consistiria no lado negativo e antissocial da criatividade (Bedu-Addo et al., 2023). O interesse pela criatividade malévola, negativa e sombria tem aumentado

constantemente desde que o conceito foi introduzido indiretamente no trabalho de Hudson (1968) o qual observou que, quando indivíduos eram solicitados a gerar usos incomuns para objetos do cotidiano, como um tijolo, vários participantes forneceram um número surpreendente de respostas prejudiciais e violentas, tais como “esmagar a cabeça de alguém”, “encher um barril de pregos para torturar pessoas”.

A criatividade negativa pode ser definida como a criação e aplicação de ideias originais, deliberadamente planejadas para atingir objetivos negativos, benéficos para o seu criador, mas cujo produto e/ou intenção, pode prejudicar outras pessoas (Perchtold-Stefan; Rominger; Fink, 2023b), obter uma vantagem desigual por meio de manipulação, ameaça ou dano (Liu; Li; Gong, 2024). Ela envolve tanto o potencial para causar danos quanto a execução de atos nocivos, compartilhando características essenciais com a criatividade em geral, como a novidade e utilidade, distinguindo-se por sua intenção nociva (Zhang *et al.*, 2025).

A existência desse tipo de criatividade pode ser confirmada diante da criação de alguns produtos criativos que tem sua finalidade associada a comportamentos que geram consequências negativas, incluindo crimes, atos terroristas, quebra de leis, mentiras, trapagens, sequestro, assédio sexual e comportamentos desonestos (Hao *et al.*, 2020). Tais comportamentos exigem certo nível de originalidade e efetividade (Xu *et al.*, 2021) sendo, em muitos casos, esse tipo de criatividade ser difícil de ser detectado devido ao fato dos seus criadores utilizarem formas originais e nunca utilizadas de causar danos (Zhao; Xu; Pang, 2022).

Dois outros estudos importantes na temática foram realizados por Clark e James (1999) e James, Clark e Cropanzano (1999). Neles, os participantes eram convidados a resolver dois problemas organizacionais, os quais exigiam a geração de soluções criativas, mas que diferiam em sua valência de objetivos. Um problema foi desenvolvido com o objetivo de favorecer soluções positivamente criativas (arrecadação de fundos para uma organização sem fins lucrativos) no qual os participantes deveriam gerar ideias bem-intencionadas e benevolente e, o outro, foi para suscitar soluções negativamente criativas (repassar, de forma criativa, informações negativas, para um cliente potencial, acerca de uma empresa rival). Os indivíduos eram avaliados nas duas tarefas, sendo que, em vários casos, se desempenhavam melhor naquela que envolvia o uso da criatividade para atingir uma meta considerada negativa, ou seja, aquela que prejudica indivíduos e a sociedade (Kapoor, 2019).

É nesse contexto que pesquisadores têm, desde então, buscado distinguir entre o “gênio criativo”, o qual faz contribuições criativas, importantes e positivas para o seu campo e chamado o “anti-gênio criativo”, o qual usa sua criatividade para gerar ideias, produtos e soluções que causam danos de formas originais e inovadoras, mas negativas (Al-Mahdawi et al., 2022; Li et al., 2022), visando algum tipo de ganho ou vantagem injusta por meio da manipulação (Palmer; Kraus; Riveiro-Soriano, 2020). Dentre vários exemplos que poderiam ser citados, a criação da bomba atômica ou os ataques de 11 de setembro nos Estados Unidos nos mostram ideias criativas, novas e efetivas para os propósitos para os quais foram criadas (Mitchell; Reiter-Palmon, 2022). Em relação a esse último evento, o uso de um avião a jato como bomba para causar dano e destruição pode ser considerado um ato novo, útil e original (Cropley; Kaufman; Cropley, 2008). O método de ataque escolhido foi altamente inovador visto que nunca aviões comerciais haviam sido sequestrados e colididos, intencionalmente, contra edifícios (Cropley, 2010).

Yang (2024) também ressalta outros exemplos, ressaltando que a invenção mais famosa de Nobel é a dinamite. Segundo o autor, embora detonadores práticos sejam extremamente benéficos para a mineração e o desenvolvimento de infraestrutura, eles também são úteis para a arte de fazer a guerra. Portanto, o autor ressalta que a criatividade é uma espada de dois gumes que pode ser usada de maneiras benevolentes ou malévolas. Anunciantes podem usar exemplos criativos para atrair crianças a comer alimentos não nutritivos que são prejudiciais à saúde (Palmer; Kraus; Ribeiro-Soriano, 2020) ou ainda ajudar criminosos a cometerem um delito e escaparem da punição de uma maneira inovadora. Teorias e evidências emergentes sugerem que as relações intergrupais podem estimular a criatividade malévola, por exemplo, nos casos de guerra ou terrorismo (Nguyen et al., 2023). Esses exemplos são apenas algumas maneiras pelas quais esse tipo de criatividade se expressa no cotidiano (Yang, 2024).

Além dessas situações mais extremas, a literatura também reconhece que a criatividade malévola pode ocorrer em quase todos os contextos, especialmente os considerados ameaçadores, como forma de retaliação (Wu et al., 2025). Nesse cenário, ela tem sido investigada em contextos específicos, tais como o organizacional (Fousiani; Xy; Prooijen, 2025; Hameed, 2025; Malik et al., 2020), educacional (Al-Mahdawi et al., 2022; Bedu-Addo et al., 2023; Dou; Dou; Jia, 2022; Zhang et al., 2022), artístico e científico (Agnoli; Corazza; Runco, 2016; Kappor; Tagat; Cropley, 2016) em amostras da população em geral.

O interesse científico no polo negativo da criatividade tem início, de forma mais intensa, no período de 2005 a 2010, marcando-se por diversas publicações teóricas, sendo que, somente após esse período, que pesquisas empíricas começaram a ser desenvolvidas, marcando-se, mais recentemente, por uma fase de pesquisa aplicada, ainda que análises voltadas à investigação de causa e efeito sejam necessárias, focadas na relação entre teoria e prática (Cropley; Cropley, 2019). Apesar de, mais frequentemente a ideia de criatividade malévola estar associada a indivíduos que promoveram atos negativos de grande alcance, é importante esclarecer que todos os indivíduos possuem potencial para expressar a criatividade em sua forma malévola, não sendo exclusiva de criminosos e terroristas (Jia; Wang; Lin, 2020).

Visando avaliar a existência de diferenças em relação à criatividade malévola entre presos em uma penitenciária de segurança máxima, policiais e população em geral, Perchtold-Stefan *et al.* (2024) conduziram um estudo no qual verificaram que os presos relataram mais comportamentos relacionados à CM na vida diária do que não presos. No entanto, eles também apresentaram desempenho inferior à dos policiais na geração de ideias malévolas. Assim, de acordo com Geng *et al.* (2024) e Hao *et al.* (2016), todos têm potencial de manifestar a criatividade malévola na vida cotidiana, por exemplo, na forma de mentiras, traições e enganar. Assim, esses tipos de idealização malévola podem ser conformados por meio de comportamentos cotidianos como fofocas, mentiras, manipulação e roubos, mas que, para serem considerados criativos e malévolos, precisam ser prejudiciais, criativos, novos e apropriados à tarefa (Silva; Junça-Silva; Pinheiro, 2025). Pode ainda ser aplicada como forma de lidar com eventos estressantes e geradores de raiva, de modo a desencadear um reforço inadequado (Perchtold-Stefan *et al.*, 2021c).

Diversos estudos demonstraram que a criatividade malévola pode ser facilmente estimulada na população em geral, quando os participantes são apresentados a situações que provocam raiva ou que representam comportamento injusto vindo de colegas, sendo instruídos a gerar ideias criativas para se vingar dessas pessoas (Perchtold-Stefan *et al.*, 2023b). Entretanto, uma das limitações apontadas argumenta que, mais comumente, a maior parte dos estudos tem examinado a relação entre personalidade, cognição e criatividade malévola entre indivíduos não criminosos, não se sabendo muito bem como elas acontecem em indivíduos reconhecidamente criminosos (Szabó *et al.*, 2022).

Assim como a criatividade benéfica, a criatividade malévola também pode ser investigada dentro do modelo dos 4P's da criatividade, visando-se investigar os fatores que a influenciam (Dan; Dianhui; Wenfeng, 2021). O modelo de criatividade dos 4Ps (Rhodes, 1961) enfatiza aspectos relacionados à pessoa criativa (personalidade, temperamento, atitude, inteligência da pessoa criativa), processo (motivação, percepção, aprendizagem e pensamento), ambiente (o qual promove ou dificulta atividades criativas) e produto (como esses fatores afetam a geração de produtos criativos, como novas ideias, invenções, descobertas e teorias). Segundo Kappor e Khan (2017), a criatividade pode ser compreendida dentro de um contínuo de positividade e negatividade, o qual pode influenciar a pessoa, produto e ambiente criativo, sendo ainda pouco conhecida a influência no processo. De acordo com este modelo, a maior parte das pesquisas sobre criatividade malévola enfoca a pessoa e os fatores de estresse ambientais, buscando identificar seus principais determinantes.

### **Principais determinantes**

A identificação de preditores de comportamento criativo malévolos e seus mecanismos de interação tem sido foco de interesses dos pesquisadores, visando a compreensão sistematizada da natureza desse tipo de expressão criativa (Li et al., 2022). As pesquisas têm se concentrado, principalmente, nos fatores que podem influenciar a criatividade malévola, incluindo, principalmente, traços de personalidade, fatores situacionais e emocionais (Zhang; Guo; Gong, 2025).

Revisão de literatura realizada por Zhou, Zhao e Li (2024) demonstrou que o desengajamento moral, a agressão, os traços da tríade negra da personalidade e hostilidade foram os fatores mais importantes na indução da criatividade malévola. Por outro lado, verificaram que empatia, resiliência, conscienciosidade e idade desempenharam papel importante na redução desse tipo de criatividade, ressaltando ainda que inteligência emocional, abertura, afabilidade, extroversão, notas escolares e agressão verbal não estiveram relacionadas.

Dentre as principais explicações para a criatividade malévola, os traços de personalidade, especialmente os antagonistas e exploratórios ocupam papel principal (Perchtold-Stefan; Rominger; Fink, 2023). Características como “pensar fora da caixa”, tomada de risco para alcançar seus objetivos, originalidade para pensar em formas de quebrar regras, encontrar métodos maliciosos e novos para se vingar de oponentes, pensamento divergente para inventar diferentes mentiras e argumentos, flexibilidade cognitiva para justificar seus

comportamentos desonestos (Hao *et al.*, 2020), antagonismo, agressividade, impulsividade, baixa conscienciosidade, humor raivoso, baixa empatia, baixa reatividade emocional (Perchtold-Stefan; Rominger; Fink, 2023).

Além disso, uma baixa inteligência emocional e a influência de traços de personalidade podem favorecer a manifestação da criatividade malévola (Chavez-Eakle; Cruz-Fuentes, 2012), especialmente os associados com os transtornos incluídos na tríade sombria da personalidade (maquiavelismo, narcisismo e psicopatia) (Batey *et al.*, 2022; Jonason; Richardson; Potter, 2015; Kapoor, 2015; Lebuda; Figura; Karwowski, 2021; Szabó *et al.*, 2022), incluindo também a esquizotipia (Perchtold-Stefan *et al.*, 2022). Wang *et al.* (2024) também verificaram que, quanto maior a sensibilidade à justiça, maior a tendência à criatividade malévola, fazendo-se notar a influência do grupo na expressão da criatividade negativa (Du; Zhao; Zhang, 2024; Yu; Qiao; Hao, 2024).

Apesar dessas evidências, existem estudos que não confirmam a téttrade sombria como mediador da criatividade malévola e fundamentos morais (Kapoor *et al.*, 2024), estudo indicando que maiores níveis de honestidade e humildade se associam de forma negativa à criatividade malévola (Fu; Zhang, 2024) e investigando a relação entre criatividade malévola e exclusão social (Wu *et al.*, 2024), cujos resultados indicaram que a rejeição social não influenciou a criatividade malévola dos indivíduos.

Convém ressaltar que as relações entre criatividade e psicopatologia são, segundo Perchtold-Stefan, Rominger e Fink (2023), complexas, dependendo dos domínios criativos avaliados, do tipo de instrumento e grau de sintomatologia, de maneira que seus resultados não são consensuais. Ainda assim, de modo geral, a criatividade malévola ocorreria, mais frequentemente, em pessoas com tendências agressivas, situações nas quais estruturas injustas e intimidadoras estão presentes no ambiente social, agressões implícitas e expectativas hostis (Bedu-Addo *et al.*, 2023; Liu; Li; Gong, 2024). Diversos estudos têm focado na investigação da relação entre criatividade malévola, inteligência emocional, personalidade, comportamento criminal, orientação motivacional e estados emocionais (Gao *et al.*, 2022). Como resultado, verifica-se que as realizações criativas profissionais e eminentes estão ligadas a características de personalidade como egoísmo, agressão, hostilidade, arrogância, instabilidade emocional, psicoticismo, arrogância, desonestidade, tendência a mentir, controle, exploração de outros, tendência a se comportar de maneira antiética (Lebuda;

Figura; Karwowski, 2021), decepção (Kappor; Khan, 2017), sarcasmo, cinismo e ironia (Perchtold-Stefan et al., 2020).

Dessa forma, Palmer, Kraus e Ribeiro-Soriano (2020) argumentam que fatores motivacionais, de personalidade e influências ambientais agem de modo a determinar se o resultado criativo será bom ou ruim. Uma tentativa de explicar essa relação foi feita por Cropley (2011), ao afirmar que haveria, dentro da concepção dual de criatividade, diferentes resultados, dependendo das combinações entre produto (bom ou mal), pessoa (benevolente ou malévolos), ambiente (apoiador ou obstrutivo), de modo que a distinção entre os tipos de criatividade irá depender da intenção da pessoa de causar danos. No entanto, segundo Malik et al. (2020), o papel do ambiente e dos fatores individuais continua inexplorado, independente do crescente interesse nessa temática.

A literatura tem demonstrado a originalidade é uma característica bastante presente na criatividade malévola, tanto quando se trata de ações destrutivas, tanto em grande escala (como terrorismo, estratégias de guerra ou organizações criminosas) quanto naquelas em menor escala (enganar, assédio, intimidação ou roubo) (Perchtold-Stefan et al., 2021b). Assim, dado o fato de que a criatividade é, por natureza, inesperada e original, os produtos da criatividade malévola podem ser imprevisíveis e extremamente perigosos (Gao et al., 2022). Apesar dos possíveis determinantes aqui indicados, não há conclusões extensas e aprofundadas que determinem a exata influência desses fatores (Bedu-Addo et al., 2023).

É importante ressaltar que os homens parecem ser mais propensos a exibir comportamentos relacionados à criatividade malévola (Lee; Dow, 2011), por exemplo, atividades criminosas e enganar as pessoas, sendo que esse quadro se mantém na vida adulta (Jia; Wang; Lin, 2020). Diferenças de gênero como a adaptação de respostas maliciosas, diferenças hormonais, diferenças em traços de agressividade e conscienciosidade e conhecimentos sobre violência são fatores que contribuem para as diferenças no comportamento malévolos (Dumas; Strickland, 2018). Assim, homens e mulheres apresentam ideação criativa malévola semelhante, mas usam diferentes processos neurocognitivos na geração de ideias criativas maliciosas como forma de se vingar de outros, sendo que os homens apresentam maior potencial de CM do que as mulheres (Geng et al., 2024).

### **Uma proposta teórica: o modelo AMORAL**



Considerando-se os avanços das pesquisas na temática, um modelo teórico explicativo da criatividade malévola foi desenvolvido por Kappor e Kaufman (2022), chamado de modelo AMORAL. Tal modelo abrange cinco seis elementos: antecedentes, mecanismos (individuais), operantes (ambientais), realização, efeitos posteriores e o legado da criatividade sombria, os quais compõem a sigla. Cada um desses elementos apresenta papel importante na criatividade malévola, sendo melhor apresentados a seguir.

### **Antecedentes**

Os antecedentes atuam como impulsionadores da criatividade malévola, incluindo necessidade de poder, adquirir recursos, satisfazer desejos hedonistas e questionar crenças. Tais motivações interagem com mecanismos individuais e com o ambiente (Kappor; Kaufman, 2022). Esse elemento busca investigar o que leva as pessoas a comportamentos criativos negativos, em uma relação bidirecional. Por exemplo: o sistema de crença de uma pessoa pode moldar seus valores éticos, os quais, por sua vez, podem influenciar as crenças. Dentre os antecedentes incluídos no modelo, podemos verificar: (1) Poder: abrange as necessidades de realização e poder, visando desestabilizar as hierarquias existentes, (2) Recursos: visa a apropriação indébita, fraudes, furto, acesso a dinheiro e recursos, (3) Hedonismo: busca do prazer por meio de comportamentos de vício ou atividades recreativas imorais que envolvem prazer ou realização, prazer sádico de causar sofrimento a outras pessoas e (4) Sistema de crenças: inclui crenças em relação a raça, fundamentalismo religioso, teorias de conspiração.

### **Mecanismos individuais**

Os mecanismos individuais incluem recursos de nível individual que podem desempenhar a função de acelerador ou inibidor da criatividade sombria (Kappor; Kaufman, 2022). Tais mecanismos estão interligados e podem influenciar-se mutuamente: (1) Propensão a ser criativo: inclui o desejo, probabilidade e capacidade de se envolver em pensamentos novos e comportamentos criativos eficazes, (2) Habilidade intelectual: condição necessária mas não suficiente para que a criatividade ocorra, facilitando a concepção e implementação de ideias obscuras e originais, (3) Conhecimento relevante: inclui conhecimento sobre a área em que a criatividade malévola vai ser utilizada, incluindo experiências prévias no domínio, (4) Personalidade: diversos traços se mostram associados à criatividade malévola, incluindo agressão, desonestidade, abertura, baixo nível de consciência, sadismo e os perfis que compõem a tríade sombria (maquiavelismo, psicopatia e narcisismo), (5) Competências

socioemocionais: inclui capacidades sociais e emocionais (identificação e gestão de emoções, conhecimento de normas sociais, uso das emoções para facilitar o raciocínio, raiva e repulsa) e (6) Valores pessoais: inclui valores como menor preocupação com fundamentos morais, preferência por humor preconceituoso, intencionalidade prejudicial ao outros, necessidade de poder, individualismo, ausência de ética.

### **Operantes**

Os operantes ambientais estão relacionados aos amplificadores, modificadores e atenuadores da criatividade sombria e explicam como e por que os indivíduos utilizam esse tipo de criatividade para atingir seus objetivos (Kappor; Kaufman, 2022). Eles incluem: (1) Bens materiais: envolve a capacidade de acessar, usar e manipular os materiais ao seu redor para restringir ou expandir a natureza dos resultados criativos, de modo a atingir seus objetivos, (2) Bens sociais: inclui os grupos que o indivíduo faz parte (família, pares), cujas identidade social partilhada e normas guiam os comportamentos do sujeito e (3) Ideologia cultural: cenários abrangentes contra os quais a criatividade malévola pode emergir, influenciando as percepções de originalidade e nocividade, possibilitando que os valores socioculturais sejam transformados de maneiras inovadoras e prejudicial.

### **Realização**

A interação entre antecedentes, mecanismos individuais e operantes ambientais resulta na ação criativa sombria (Kappor; Kaufman, 2022). Numerosas facetas compõem esses elementos, influenciadas ainda por questões situacionais como sorte e ocorrências aleatórias. A realização inclui: (1) valência: pode incluir incongruências entre a intenção e resultado, dentro de um contínuo que vai do nobre ao neutro, (2) submecanismos: o engano, manipulação, desonestidade e coerção podem modificar a magnitude em que a criatividade malévola é realizada, juntamente com recursos cognitivos e emocionais necessários para enganar, (3) natureza do ator: refere-se as pessoas envolvidas, podendo ser uma única pessoa, um grupo ou cúmplices, aumentando-se a complexidade enquanto aumento o número de envolvidos, (4) natureza do alvo: a criatividade malévola requer um alvo para o qual será dirigida, compondo-se e proximidade (fantasias de causar mal a pessoas próximas, danos na realidade virtual, comportamento potencial, distância física do alvo), (5) foco: alvos individuais, grupais ou nacionais/globais, os quais são escolhidos espontaneamente ou predeterminados, (6) domínio: área ampla em que a ação é aplicada (pública, privada, online ou offline) e seu domínio (artístico, tecnológico, científico, organizacional, educacional,

comunicação), (7) chance: inclui o papel do acaso, da sorte e oportunidades repentinas na realização do comportamento, influenciando o comportamento desde que os antecedentes, mecanismos e operantes necessários também estejam presentes.

### **Efeitos posteriores**

As consequências imediatas e de curto prazo da criatividade malévola dependem da escala e extensão da sua realização. Características específicas, como a amplitude do dano, profundidade e a valência vão determinar quais serão os efeitos posteriores (KAPPOR; KAUFMAN, 2022). Dois elementos compõem esse aspecto: (1) amplitude e profundidade: considera a amplitude (número de alvos) e profundidade (quantidade de dano) para estimar a extensão dos efeitos posteriores da ação e (2) valência: pode se diferenciar entre valência pretendida e valência concretizada, visto que muitos atos positivos podem apresentar resultados negativos imprevistos e consequências não intencionais de danos duradouros, e vice-versa, podendo se mostrar congruente ou incongruente.

### **Legado**

Além das repercussões imediatas e de curto prazo que a criatividade malévola pode provocar, algumas das suas consequências podem deixar um legado memorável ao longo do tempo (Kappor; Kaufman, 2022). Tal elemento é composto pela faceta chamada de longo prazo: usualmente devido a atos que tenham sido resultado de ideias bastante originais, sendo extremamente bem-sucedidos em seus objetivos, ou ainda inclui ações que foram popularizadas pelos meios de comunicação na época em que aconteceram.

Ao analisarem o modelo, Wu *et al.* (2025) afirmaram que, embora o contexto possa amplificar, modificar e diminuir a criatividade malévola, fatores individuais também podem moderar esses efeitos. Segundo os autores (Kappor; Kaufman, 2022), a importância do modelo AMORAL se baseia na possibilidade de que ele possa fornecer bases para pesquisas futuras sobre criatividade malévola, ajudando a pensar em pesquisas que possam avaliar nuances nesse tipo de criatividade que ainda não foram investigadas. Dentre as principais lacunas, apontam foco principal em estudantes universitários e pouco conhecimento sobre outras parcelas da população, uso de tarefas divergentes como método de avaliação da criatividade, ausência de estudos voltados às manifestações dessa expressão criativa negativa em níveis menos desenvolvidos, correspondentes, ao mini c e *little c*, dado o fato de que a ênfase usualmente acontece junto aos grandes terroristas e atos criminosos. A ampliação das

pesquisas, segundo os autores, permitirá que os dados empíricos possam complementar o modelo, de modo a contribuir para que a literatura consiga identificar e prever padrões de criatividade malévola e prevenir danos futuros.

### **Criatividade malévola no contexto educacional**

Dentre os contextos em que a criatividade malévola pode ser expressa, o educacional será destacado, dada a possibilidade de que essa característica também se manifeste de forma ambígua no contexto da sala de aula. Incentivar os alunos a “pensar fora da caixa” pode, de facto, representar uma aventura arriscada. Segundo Barbot, Cerda e Teo (2020), estimular a criatividade nesse ambiente pode, certamente, suscitar ideias originais e valiosas, mas, também, pode desencadear (ou libertar) seu uso com intenções ideações negativas, malévolas ou bizarras. Esse resultado não desejado é particularmente esperado entre estudantes adolescentes, dadas as características dessa fase desenvolvimental, repleta de mudanças e da necessidade de formação de identidade, ou da maior busca de sensações, aliada ao um autocontrole geralmente imaturo (Barbot; Tinio, 2015).

Dada essa constatação, se mostra necessária uma compreensão mais profunda deste fenômeno para desenvolver e sustentar ambientes que apoiem a criatividade positiva e não a negativa, tais como os educacionais (Barbot; Cerda; Teo, 2020). Tais autores sugerem que o incentivo um ambiente de sala de aula que apoie a criatividade (positiva) poderia auxiliar para que o potencial para expressão da criatividade malévola seja evitado ou canalizado de forma construtiva.

Também Shi et al. (2023) argumentam que a criatividade malévola pode se manifestar na vida diária de qualquer pessoa e assumir muitas formas, por meio de calúnia, humor ofensivo, assédio, vingança contra outros, até formas mais graves, como roubo, plágio, fraude, destruição de propriedade pública, ataques terroristas, estratégias militares únicas e táticas financeiras ilegais, provocando consequências graves. De acordo com os autores, alguns estudos têm demonstrado que o potencial malévolo de estudantes universitários é mais propenso a assumir a forma de mentiras, pegadinhas e formas agressivas de humor e, apesar de não parecerem imediatamente intensamente prejudiciais, podem levar a consequências graves, incluindo, por exemplo, *bullying* ou ataques a escolas, comumente noticiados pela mídia.

### **Pesquisas futuras e desafios**

Apesar do crescimento no interesse pela pesquisa sobre criatividade malévola, dois pontos importantes ainda precisam ser melhor investigados: a ambiguidade na definição da criatividade malévola e na sua medição (Mitchell; Reiter-Palmon, 2022). Em relação ao primeiro, Cropley (2010) argumenta que, para reconhecer o que é bom ou mal é necessário um julgamento subjetivo, especialmente nas situações ambíguas, nas quais, por exemplo, um produto criativo atinge um resultado que é bom para alguns, mas mau para muitos. Além disso, a criatividade malévola se mostra, particularmente, um tópico difícil de ser estudado, da mesma forma que a própria criatividade, visto que, em muitos casos, as pesquisas incluem cenários hipotéticos, sendo importante ampliar os estudos de natureza empírica. A relevância desse tipo de estudos se ampara na possibilidade de estabelecimento da criatividade malévola como um possível domínio criativo, de modo a promover implicações práticas nas concepções teóricas sobre criatividade (Cropley *et al.*, 2014).

Dentre os benefícios a serem alcançados a partir da investigação sobre criatividade malévola, tais pesquisas apresentam potencial de contribuir para uma compreensão mais abrangente da criatividade, mas, também, alertar as pessoas para a existência de um tipo de expressão criativa, impulsionada por fins negativos, pode causar grandes danos aos indivíduos e à sociedade, ajudando a desfazer a ideia de que a criatividade é sempre uma característica positiva e desejável, voltada a resultados benéficos ao sujeito e à sociedade (Jia; Wang; Lin, 2020).

De acordo com Cropley e Cropley (2019), os resultados das pesquisas sobre criatividade malévola podem auxiliar na prevenção de crimes e terrorismo, especialmente se conseguirem clarificar as relações causais entre pessoa, ambiente e processos cognitivos. Tal conhecimento, segundo os autores, poderia ser aproveitado para dois propósitos. Em primeiro lugar, diminuir a criatividade malévola de criminosos e terroristas e, em segundo, aumentar a capacidade criativa da polícia e de outras organizações responsáveis pelo combate ao crime organizado. Entretanto, ressaltam que tais pesquisas devem voltar-se para amostras representativas desse público-alvo. No entanto, Zhang *et al.* (2024) argumentam que a natureza inovadora das atividades criativas negativas, tais como a aleatoriedade, surpresa e quebra de regras, são difíceis de prever e prevenir de forma eficaz, o que poderia resultar, inclusive, em sérios impactos negativos na sociedade. Nesse contexto, os autores ressaltam

que a investigação dos mecanismos subjacentes pelos quais a CM pode ser influenciada por auxiliar na exploração de estratégias eficazes para reduzir seus potenciais danos.

Cropley e Cropley (2019) ainda indicam que muitas questões precisam ser respondidas, de modo que existe muito campo de pesquisa nesse domínio, destacando algumas questões: quais elementos da pessoa (psicopatia, por exemplo) podem orientar a criatividade para o lado malévolo? existe um perfil reconhecível do indivíduo criativo malévolo? quais processos cognitivos (pensamento divergente, por exemplo) podem desempenhar um papel no desenvolvimento de soluções novas e prejudiciais? quais ambientes podem ser propícios não só a criatividade mas, especificamente à sua versão malévola? qual papel que o ambiente desempenha no sentido de ajudar ou dificultar a criatividade malévola? (Cropley; Cropley, 2019).

Também Kapoor e Khan (2016) sugerem que, embora o trabalho teórico e empírico sobre o lado negro da criatividade progreda a um ritmo crescente, parece ser necessário examinar casos específicos de criatividade malévola através de um modelo baseado na valência. Tais investigações podem levar à identificação de (a) como os modelos e definições atuais de criatividade podem ser adaptados para acomodar sua expressão negativa; (b) como podem ser desenvolvidas ferramentas para medir a criatividade malévola e (c) quais variáveis, dentro do modelo dos quatro P's (pessoa, processo, produto e ambiente) podem ajudar a compreender todos os aspectos envolvidos no processo de expressão da criatividade malévola. Outra sugestão, apresentada por Perchtold-Stefan *et al.* (2021b), se ampara na recomendação de que, na prática terapêutica, a compreensão das relações entre as características das pessoas e do ambiente pode ajudar a pensar em intervenções voltadas à adaptação dessas predisposições e necessidades específicas de um indivíduo com essa tendência malévola. Ao se conhecer os preditores ambientais e individuais da criatividade malévola na população em geral, tal informação poderá ser utilizada com o objetivo de controlar, intervir e reduzir a expressão malévola a longo prazo (Jia; Wang; Lin, 2020).

Estudos recentes têm buscado investigar a relação entre padrões cerebrais associados ao comportamento criativo malévolo e como esses padrões são mediados por traços de personalidade sombrios. Seus achados oferecem caminho potencial para o desenvolvimento de intervenções direcionadas sobre a complexa interação entre atividade cerebral, traços de personalidade e comportamento criativo malévolo (Gao *et al.*, 2025), devendo ser essa uma das vertentes de investigações a serem incentivadas.

No Brasil, a relevância da temática se justifica se pensarmos a aplicação da criatividade malévola em casos de fraudes, extorsão, crimes cibernéticos, tráfico de drogas, roubo, assassinato, boatos, *fake news*, *bullying*, manipulação, intimidação, assédio moral, vandalismo, ou seja, situações que apresentam a violação crônica de regras. O famoso “jeitinho brasileiro” pode ser classificado como um exemplo de criatividade negativa. Wachelke e Prado (2017) concebem o jeitinho como uma estratégia criativa de resolução de problemas que pode implicar desrespeito a regras e corrupção para obter vantagens pessoais. O jeitinho envolve a aplicação de uma estratégia de resolução de problema que contorna regras, leis e convenções sociais para atingir um objetivo (PILATI et al., 2011). Por isso pode ser considerado uma solução criativa que faz uso de habilidades como esperteza, de modo a burlar alguma regra ou norma preestabelecida, permitindo a resolução de um problema de modo ilegal ou imoral.

Motta e Alcadipani (1999) definem esse fenômeno como o “genuíno processo brasileiro da pessoa atingir objetivos a despeito de determinações (leis, normas, regras e ordens) contrárias” (p. 8), de modo que os interesses pessoais são tidos como mais importantes do que os sociais. Ele é usado como forma de burlar determinações que inviabilizariam ou tornaria difícil a ação pretendida pela pessoa ou ainda se desvencilhar da burocracia. Nesse caso, o discurso se apoia em palavras bem escolhidas e argumentos criativos e convencedores para conseguir o que pretende. Indiferente à sua definição, Flach (2012, p. 449) reforça que o fenômeno, polêmico, tem sido visualizado como “uma atitude incorreta que denigre normas e leis, e outros o entendem como uma maneira criativa e inovadora de resolver determinados problemas ou ainda como certa flexibilidade para se desprender das disfunções da burocracia”.

Diante desse exemplo fica bem explicitado um dos possíveis usos da criatividade negativa em nosso país, dentro de uma prática histórica amplamente aceita, embora, algumas vezes, seja compreendida como uma forma de corrupção (Prado, 2016). Nesse cenário, a investigação dessa temática pode garantir, por exemplo, a segurança civil diante de situações cada vez mais frequentes envolvendo polarização social e radicalização crescente, por meio da exploração do potencial da tecnologia em relação, por exemplo, ao radicalismo político (Gazos et al., 2024), inclusive em situações políticas ameaçadoras (Meshkova; Bochkova; Kravtsov, 2024). Além disso, a ampliação do uso da inteligência artificial também pode impactar a geração, seleção e implementação de ideias com potencial de dano buscado pelos

humanos (d'Amato et al., 2025), sendo importante a preocupação com esse fato especialmente se considerarmos que o uso da IA tem aumentado no país. No entanto, apesar do aumento crescente no número de pesquisas internacionais, uma única investigação conduzida no Brasil foi encontrada na literatura (Farias et al., 2025).

### **Considerações Finais**

Diversas pesquisas no contexto internacional têm buscado investigar a criatividade malévola, reconhecendo a existência de uma criatividade com propósitos e resultados negativos e seu impacto em diferentes proporções. Indiferente à quantidade de pesquisa desenvolvida nas últimas décadas, o Brasil ainda não possui nenhum estudo com esse foco, mantendo-se restrito à investigação dessa característica sob a ótica positiva.

Nesse sentido, a revisão aqui apresentada buscou apresentar esse conceito, sua compreensão, implicações no contexto educacional e agenda futura de pesquisas. Sua investigação no ambiente escolar se mostra importante de ser conduzida, dado o fato de que a maior parte das pesquisas ainda foca em amostras gerais da população ou no contexto organizacional, pouco se sabendo sobre seu impacto na rotina de estudantes. Especialmente se considerarmos que, nesse contexto, a criatividade se apresenta como uma característica valorizada e essencial para o século XXI, o reconhecimento de expressões negativas também deve ser foco de investigação.

Dentre as principais limitações do texto, podemos citar a seleção dos textos utilizados como base, realizada de forma conveniente, de modo a caracterizar uma revisão bibliográfica e não sistemática da literatura. Dessa forma, outros aspectos e pontos de vista podem não ter sido abrangidos no texto. De qualquer forma, espera-se que a leitura possa incentivar novas pesquisas brasileiras na temática, visando investigar a expressão da criatividade malévola na população brasileira.

### **Referências**

- AGNOLI, S.; CORAZZA, G. E.; RUNCO, M. A. Estimating creativity with a multiple-measurement approach within scientific and artistic domains. **Creativity Research Journal**, v. 28, n. 2, p. 171–176, 2016.
- AL-MAHDAWI, A. M.; DUTTON, E.; MOHAMMAD, H. A.; BAKHIET, S. F.; MOHAMMAD, N. A.; KHAIR, S.; MADISON, G. Sex differences in malevolent creativity among Sudanese students. *Personality and Individual Differences*, v. 196, e111724, 2022.



BARBOT, B.; CERDA, K.; TEO, T. Negative ideation in creative problem- solving is task-specific too: evidences from a sample of incarcerated Juveniles. **Thinking Skills and Creativity**, v. 38, 100740, 2020.

BARBOT, Baptiste; TINIO, Pablo P. L. Where is the “g” in creativity? A specialization– differentiation hypothesis. **Frontiers in Human Neuroscience**, v. 8, p. 1041, 2015.

BARBOT, Tino; CERDA, Kassandra; TEO, Taralyn. Negative ideation in creative problem- solving is task-specific too: Evidence from a sample of incarcerated juveniles. **Thinking Skills and Creativity**, v. 38, 100740, 2020.

BATEY, M.; HUGHES, D. J.; MOSLEY, A.; OWENS, C. E.; FURNHAM, A. Psychopathy and openness-to-experience as predictors of malevolent and benevolent creativity. **Personality and Individual Differences**, v. 196, e111715, 2022.

BEDU-ADDO, P. K.; MAHAMA, I.; AMOAKO, B. M.; AMOS, P. M.; ANTWI, T. Neglectful Parenting and Personality Traits as Predictors of Malevolent Creativity among Ghanaian Tertiary Education Students. **Creative Education**, v. 14, p. 232-244, 2023.

Chavez-Eakle, R.A., Eakle, A.J., & Cruz-Fuentes, C. (2012). The multiple relations between creativity and personality. *Creativity Research Journal*, **24**, 76–82; doi: [10.1080/10400419.2012.649233](https://doi.org/10.1080/10400419.2012.649233).

CLARK, K.; JAMES, K. Justice and positive and negative creativity. **Creativity Research Journal**, v. 12, p. 311–320, 1999.

CROPLEY, David H. The dark side of creativity. In RUNCO, M. A.; PRITZKER, S. R. **Encyclopedia of creativity**. Academic Press, 2011. p. 351-357.

CROPLEY, David H.; CROPLEY, A. J. Malevolent Creativity: Past, Present and Future. In KAUFMAN, J. C.; STERNBERG, R. J. **Cambridge Handbook of Creativity**. New York: Cambridge University Press, 2019. p. 677-690.

CROPLEY, David H. The dark side of creativity: a differentiated model. In D. H. CROPLEY; A. J. CROPLEY; J. C. KAUFMAN; M. A. RUNCO. **The dark side of creativity**. New York: Cambridge University Press, 2010. p. 360–373

CROPLEY, David H., KAUFMAN, James C.; WHITE, Arielle E.; CHIERA, Belinda A. Layperson perceptions of malevolent creativity: the good, the bad, and the ambiguous. **Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts**, v. 8, n. 4, p. 400-412, 2014.

CROPLEY, David H.; KAUFMAN, James C.; CROPLEY, Arthur J. Malevolent creativity: A functional model of creativity in terrorism and crime. **Creativity Research Journal**, v. 20, 105e115, 2008.

d'Amato, A. L., Theobald, E., Scott, M. N., Linnell, A. E., Elson, J. S., & Hunter, S. T. (2025). Harnessing harm: Artificial intelligence’s role in the amplification of malevolent creativity and innovation. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*. Advance online publication.

DAN, W.; DIANHUI, W.; WENFENG, C. The relationship between adolescents' resilience and their malevolent creative behaviors. **Acta Psychologica Sinica**, v. 54, n. 2, p. 154-167, 2021.

DOU, X.; DOU, X.; JIA, L. Interactive association of negative creative thinking and malevolent creative thinking. **Frontiers in Psychology**, v. 13, e9939672, 2022.

DU, X., ZHAO, Y.; ZHANG, K. The influence of group categorization and common ingroup identity on malevolent creativity, benevolent creativity, and neutral creativity. **Thinking Skills and Creativity**, v. 54, 101686, 2024.

DUMAS, D.G.; STRICKLAND, A.L. From book to bludgeon: A closer look at unsolicited malevolent responses on the alternate uses task. **Creativity Research Journal**, v. 30, p. 439-450, 2018.

FARIAS, E. S.; BONFÁ-ARAUJO, B.; NAKANO, T. C., CAMPOS, C. R. Malevolent Creativity Behavior Scale-Brazilian Portuguese: Cross-Cultural Adaptation and Psychometric Properties. **Journal of Creative Behavior**, v. 59, n. 2, p. 1-8, 2025.

FLACH, L. O jeitinho brasileiro: analisando suas características e influências nas práticas organizacionais. **Revista Gestão e Planejamento**, v. 12, n. 3, p. 499-514, 2012.

FOUSIANI, K.; XU, S.; VAN PROOIJEN, J.-W. Leaders' power construal influences malevolent creativity: The mediating role of organizational conspiracy beliefs. **Journal of Occupational and Organizational Psychology**, v. 98, e70005, 2025.

FU, H.; ZHANG, Z. The relationship between Honesty-Humility and malevolent creativity: Sequential mediation models with prosocial moral emotional traits and prosocial tendencies. **Current Psychology**, v. 43, p. 7424-7436, 2024.

GAO, Z.; CHENG, L.; LI, J.; CHEN, Q.; HAO, N. The dark side of creativity: Neural correlates of malevolent creative idea generation. **Neuropsychologia**, v. 167, e108164, 2022.

GAO, Z. N.; QIAO, X. N.; LU, K.; WANG, X.; HAO, N. Dynamic amplitude of low-frequency fluctuation links dark personalities to malevolent creative behavior. **Brain and Cognition**, v. 183, 106245, 2025.

GAZOS, A.; MADEIRA, A.; PLATTNER, G.; ROLLER, T.; BUSCHER, C. New and emerging perspectives for technology assessment: Malevolent creativity and civil security. **Journal for Technology assessment in theory and practice**, v. 33, n. 2, p. 9-15, 2024.

GENG, Y.; SHI, Y.; HU, W.; JIN, W.; ZHANG, Y.; ZHAN, T. Fight Injustice with Darkness: The Effect of Early Life Adversity on Malevolent Creativity Behavior. **Journal of Creative Behavior**, v. 58, n. 2, p. 279-296, 2024.

HAMEED, I. Crafting harm: how Machiavellianism, competitive worldview, and supervisor bottom-line mentality fuel malevolent creativity? **Journal of Economics and Administrative Sciences**, ahead of print, 2025.

HAO, N.; QIAO, X.; CHENG, R.; LU, K.; TANG, M.; RUNCO, M. A. Approach motivational orientation enhances malevolent creativity. **Acta Psicológica**, v. 203, e10295, 2020.

HUDSON, L. **Frames of mind: Ability, perception and self-perception in the arts and sciences**. W. W. Norton, 1968.

HUNTER, S. T.; WALTERS, K.; NGUYEN, T.; MANNING, C.; MILLER, S. Malevolent Creativity and Malevolent Innovation: A Critical but Tenuous Linkage. **Creativity Research Journal**, v. 34, n. 2, p. 123-144, 2021.

JAMES, K.; CLARK, K.; CROPANZANO, R. Positive and negative creativity in groups, institutions, and organizations: A model and theoretical extension. **Creativity Research Journal**, v. 12 n. 3, p. 211-226, 1999.

JIA, X.; WANG, Q.; LIN, L. The Relationship Between Childhood Neglect and Malevolent Creativity: The Mediating Effect of the Dark Triad Personality. **Frontiers in Psychology**, v. 11, 613695, 2020.

JONASON, P.K.; RICHARDSON, E.N.; POTTER, L. Self-reported creative ability and the dark triad traits: An exploratory study. **Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts**, v. 9, 488–494, 2015.

KAPOOR, H. The creative side of the dark triad. **Creativity Research Journal**, v. 27, p. 58–67, 2015.

KAPPOR, H. Sex differences and similarities in negative creativity. **Personality and Individual Differences**, v. 142, p. 238-241, 2019.

KAPPOR, H.; KAUFMAN, J. C. The evil within the AMORAL model of dark creativity. **Theory & Psychology**, v. 32, n. 3, p. 467-490, 2022.

KAPOOR, H.; KHAN, A. The Measurement of Negative Creativity: Metrics and Relationships. **Creativity Research Journal**, v. 28, n. 4, p. 407-416, 2016.

KAPOOR, H.; MAHADESHWAR, H.; REZAEI, S.; REITER-PALMON, R.; KAUFMAN, J. C. The Ties That Bind: Low Morals, High Deception, and Dark Creativity. **Creativity Research Journal**, p. 1–20, 2024.

KAPOOR, H.; TAGAT, A.; CROPLEY, D. H. Fifty shades of creativity: case studies of malevolent creativity in arts, science, and technology. In REISMAN, F. **Creativity in arts, science, and technology**. KIE Conference Publications, 2016. p. 25-45.

KAPPOR, H.; KHAN, A. Deceptively yours: valence-based creativity and deception. **Thinking Skills and Creativity**, v. 23, p. 199-206, 2017.

LEBUDA, I.; FIGURA, B.; KARWOWSKI, M. Creativity and the dark triad: a meta-analysis. **Journal of Research in Personality**, v. 92, e104088, 2021.

LEE, S. A.; DOW, G. T. Malevolent creativity: Does personality influence malicious divergent thinking? **Creativity Research Journal**, v. 23, p. 3–82, 2011.

LI, W.; ZHANG, L.; QIN, Z.; CHEN, J.; LIU, C. Childhood Trauma and Malevolent Creativity in Chinese College Students: Moderated Mediation by Psychological Resilience and Aggression. **Journal of Intelligence**, v. 10, n. 97, 2022.

LIU, C.; LI, L.; GONG, Z. Development and Testing of the Cyber Malevolent Creativity Behavior Scale. **Journal of Creative Behavior**, v. 58, p. 478-490, 2024.

MALIK, O. F.; SHAHZAD, A.; WAHEED, A.; YOUSAF, Z. Abusive supervision as a trigger of malevolent creativity: do the Light Triad traits matter? **Leadership & Organization Development Journal**, v. 41, n. 8, p. 1119-1137, 2020.

MESHKOVA, N. V.; BOCHKOVA, M. N.; KRAVTSOV, O. G. Malevolent Creativity and Personal Features of Young People in Different Socio-Political Conditions: Relationship and Interaction. **Lomonosov Psychology Journal**, v. 47, n. 1, p. 88-105, 2024.

MITCHELL, Kevin, S.; REITER-PALMON, Roni. Malevolent creativity: personality, process, and the larger creativity field. In KAPPOR, Hansika; KAUFMAN, James C. **Creativity, and morality**. London: Elsevier, 2022. p. 49-69.

MOTTA, F. C. P.; ALCADIPANI, R. Jeitinho brasileiro, índole social e competição. **Revista de Administração de Empresas**, v. 39, n. 1, p. 6-12, 1999.

NGUYEN, T. L.; D'AMATO, A. L.; MILLER, S. R.; HUNTER, S. T. Malevolent Creativity as Parochial Altruism? Examining the Intergroup Bases of New and Harmful Ideas. **Creativity Research Journal**, v. 37, n. 1, p. 104-119, 2023.

NGUYEN, T. L.; WALTERS, K. N.; D'AMATO, A. L.; MILLER, S. R.; HUNTER, S. T. Target Personification Influences the Positive Emotional Link Between Generating and Implementing Malevolently Creative Ideas. **Creativity Research Journal**, v. 36, n. 1, p. 42-57, 2022.

OLIVEIRA, K. S.; NAKANO, T. C.; WECHSLER, S. M. Criatividade e saúde mental: uma revisão da produção científica na última década. **Temas em Psicologia**, v. 24, n. 4, p. 1493-1506, 2016.

PALMER, C.; KRAUS, S.; RIBEIRO-SORIANO, D. Exploring dark creativity: the role of power in an unethical marketing task. **Economic Research-Ekonomska Istraživanja**, v. 33, n. 1, p. 145-159, 2020.

PALMER C., KRAUS S.; RIBEIRO-SORIANO D. Exploring dark creativity: The role of power in an unethical marketing task. **Economic Research-Ekonomska Istraživanja**, v. 33, n. 1, p. 145-159, 2020.

PERCHTOLD-STEFAN, C. M.; FINK, A.; ROMINGER, C.; PAPOUSEK, I. Motivational factors in the typical display of humor and creative potential: the case of malevolent creativity. **Frontiers in Psychology**, v. 11, n. 1213, 2020.

PERCHTOLD-STEFAN, C. M.; FINK, A.; ROMINGER, C.; PAPOUSEK, I. Creative, antagonistic, and angry? Exploring the roots of malevolent creativity with a real-world idea generation task. **The Journal of Creative Behavior**, v. 55, n. 3, p. 710-722, 2021a.

PERCHTOLD-STEFAN, C. M.; FINK, A.; ROMINGER, C.; PAPOUSEK, I. Failure to reappraise: Malevolent creativity is linked to revenge ideation and impaired reappraisal inventiveness in the face of stressful, anger-eliciting events. **Anxiety, Stress, & Coping**, v. 34, n. 4, p. 437-449, 2021b.

PERCHTOLD-STEFAN, C. M.; FINK, A.; ROMINGER, C.; SAZBÓ, E. Enjoying others' distress and indifferent to threat? Changes in prefrontal-posterior coupling during social-emotional processing are linked to malevolent creativity. **Brain and Cognition**, v. 163, e105913, 2022.

PERCHTOLD-STEFAN, C. M.; ROMINGER, C.; PAPOUSEK, I.; FINK, A. Antisocial schizotypy is linked to malevolent creativity. **Creativity Research Journal**, v. 34, n. 3, p. 355-367, 2022.

PERCHTOLD-STEFAN, C. M.; ROMINGER, C.; PAPOUSEK, I.; FINK, A. Women and men have a similar potential for malevolent creativity – But their underlying brain mechanisms are different. **Brain Research**, v. 1801, e148201, 2023a.

PERCHTOLD-STEFAN, C. M.; FINK, A.; ROMINGER, C.; PAPOUSEK, I. Failure to reappraise: Malevolent creativity is linked to revenge ideation and impaired reappraisal inventiveness in the face of stressful, anger-eliciting events. **Anxiety, Stress, & Coping**, v. 34, n. 4, p. 437-449, 2021c.

PERCHTOLD-STEFAN, C. M.; ROMINGER, C.; FINK, A. Depressive symptoms are positively linked to malevolent creativity: a novel perspective on the maladaptive nature of revenge ideation. **The Journal of Creative Behavior**, v. 0, n. 0, p. 1-12, 2023b.

PERCHTOLD-STEFAN, C. M.; SZABÓ, E.; ROMINGER, C.; FINK, A.; OPRIS, L.; PATAKY, N. Criminal Genius or Everyday Villain? A Comparison of Malevolent Creativity Among Prisoners, Police Officers, and the General Population. **Journal of Creative Behavior**, v. 58, p. 676-695, 2024.

PILATI, R.; MILFONT, T. L.; FERREIRA, M. C.; PORTO, J. B.; FISCHER, R. (Brazilian jeitinho: understanding and explaining an indigenous psychological construct. **Interamerican Journal of Psychology**, v. 45, n. 1, p. 27-36, 2011.

PRADO, A. M. O jeitinho brasileiro: uma revisão bibliográfica. **Horizonte Científico**, v. 10, n. 1, p. 1-22, 2016.

RHODES, M. An analysis of creativity. *Phi Delta Kappan*, v. 42, n. 7), p. 305-310, 1961.

RUNCO, M. A.; JAEGER, G. J. The standard definition of creativity. **Creativity Research Journal**, v. 24, n. 1, p. 92-96, 2012.

SHI, Zifu; ZHOU, Zhihao, TIAN, Lan; ZHU, Yufan, LIU, Chengzhen; XU, Lei. What causes malevolent creative people to engage in malevolent behaviors? Mediating role of moral disengagement and moderating effects of conscience. **Thinking Skills and Creativity**, v. 49, n. 101329, 2023.

SILVA, D.; JUNÇA-SILVA, A.; PINHEIRO, P. Folie à deux? How Mavericks shape the relationship between the dark triad and negative deviant behaviors through malevolent creativity. **Personality and Individual Differences**, v. 233, e112877, p. 1-6, 2025.

STERNBERG, Robert J. ACCEL: a new model for identifying the gifted. **Roeper Review**, v. 39, n. 3, p. 152-169, 2017.

STERNBERG, Robert J. the vexing problem of dark giftedness. **Gifted Education International**, v. 39, n. 3, p. 265-285, 2023b.

STERNBERG, Robert J. Toxic giftedness. **Roeper Review**, v. 45, n. 1, p. 61-73, 2023a.

SZABÓ, Eniko; KORMENDI, Attila; KURUCZ, Gyozo; CROPLEY, David; OLAJOS, Timea; PATAKY, Nóra. Personality traits as predictors of malevolent creative ideation in offenders. **Behavioral Sciences**, v. 12, p. 242, 2022.

WACHELKE, J.; PRADO, A. M. A ideologia do jeitinho brasileiro. **Psicologia e Saber Social**, v. 6, n. 2, p. 146-162, 2017.

WANG, Y.; ZHANG, K.; XU, F.; ZONG, Y.; CHEN, L.; LI, W. The effect of justice sensitivity on malevolent creativity: the mediating role of anger and the moderating role of emotion regulation strategies. **BMC Psychology**, v. 12, 265, 2024.

WU, J.; MA, F.; LIU, J.; JIAO, L. The effects of different types of social exclusion on malevolent creativity: The role of self-construal. **Thinking Skills and Creativity**, v. 57, 101837, p. 1-12, 2025.

WU, J.; RAO, X.; LIU, J.; YOU, S.; CAO, Y.; JIAO, L. The impact of social exclusion on malevolent creativity: The mediating role of prosocial motivation. **Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts**, 2024.

XU, X.; ZHAO, J.; XIA, M.; PANG, W. I can, but I won't: Authentic people generate more malevolently creative ideas, but are less likely to implement them in daily life. **Personality and Individual Differences**, v. 170, e110431, 2021.

XU, X.; XIA, M.; PANG, W. Do all roads lead to Rome? Authenticity, openness to experience, and risk-taking relate to general and malevolent creativity differently. **Current Psychology**, 2022.

YANG, B.; LI, H. how multicultural experiences influence malevolent creativity. **Psychological Reports**, 2024.

YU, L.; QIAO, X.; HAO, N. Intergroup threat stimulates malevolent creative idea generation. **Motivation and Emotion**, v. 48, p. 531-548, 2024.

ZHANG, M.; GUO, H.; GONG, Z. The Effect of Anger Rumination on Malevolent Creativity: The Mediating Role of Aggression and the Moderating Role of Mindfulness. **Psychological Reports**, 0(0), 2025.

ZHANG, W.; QIN, Z.; CHEN, J.; LIU, C. Childhood Trauma and Malevolent Creativity in Chinese College Students: Moderated Mediation by Psychological Resilience and Aggression. **Journal of Intelligence**, v. 10, n. 97, 2022.

ZHANG, W.; LIANG, Q.; QIAO, X.; HAO, N. Unfairness brings malice: Malevolent creativity is modulated by perceived unfairness of others. **Thinking Skills and Creativity**, v. 53, 101586, 2024.

ZHANG, J.; LU, J.; GE, J.; LI, S.; LIANG, X. Managing malice in negative environments: the mediating effect of coping styles on the relationship between negative sense of place and malevolent creativity among Chinese high school students. **BMC Psychology**, v. 13, n. 35, 2025.

ZHAO, J.; XU, X.; PANG, W. When do creative people engage in malevolent behaviors? The moderating role of moral reasoning. **Personality and Individual Differences**, v. 186, e111386, 2022.

ZHOU, J.; ZHAO, B.; LI, Y. A network meta-analysis of factors influencing malevolent creativity. **Social Behavior and Personality: an international journal**, v. 52, n. 4, pp. 1-18, 2024.

### **Sobre a autora**

#### **Tatiana de Cassia Nakano**

Doutora em Psicologia, especialista em avaliação psicológica. Docente do programa de pós-graduação stricto sensu em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pesquisadora da linha de instrumentos e processos em avaliação psicológica, com foco nas temáticas de criatividade, altas habilidades/superdotação, educação especial e inteligência. Bolsista produtividade CNPq e parecerista do Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos do Conselho Federal de Psicologia.

Email: [tatiananakano@hotmail.com](mailto:tatiananakano@hotmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5720-8940>

Recebido em: 09/11/2023

Aceito para publicação em: 13/05/2025